

# O desenho metodológico da circulação do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”

## *The methodological design of the circulation of the event “Jair Bolsonaro’s vote”*

### Diosana Frigo

diosanafrigo@gmail.com

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), na área de concentração Comunicação Midiática e na linha de pesquisa Mídia e Estratégias Comunicacionais. Mestre em Comunicação pelo POSCOM/UFSM. Integrante do grupo de pesquisa do CNPq “Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais”. Graduada em Comunicação Social — Jornalismo e em Ciências Econômicas pela UFSM. Realizou intercâmbio estudantil na Universidad Nacional del Litoral (UNL, 2010/1), em Santa Fé, Argentina, por intermédio do Programa Escala Estudantil, da Associação das Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM).

### Aline Roes Dalmolin

aline.dalmolin@ufsm.br

Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pós-doutoranda na Universidad Nacional de Rosario (UNR). Graduada em Jornalismo pela UFSM, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Líder do grupo de pesquisa do CNPq “Circulação midiática e estratégias comunicacionais” e coordenadora do projeto “Moralidades contemporâneas, fundamentalismos pós-modernos: a circulação dos discursos de ódio na mídia contemporânea”.

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, embora não se tenha consenso sobre o que é a midiáticação, há pesquisas consolidadas que se preocupam em problematizá-la assim como a emergência da circulação na complexificação da sociedade. No contexto europeu, Hjarvard (2012) trabalha com o conceito de midiáticação a partir de uma abordagem da mídia como agente de mudança cultural e social; já Hepp (2014) enfatiza a necessidade de uma abordagem que reflita as mudanças das configurações transmidiais. Nos estudos latino-americanos sobre midiáticação, há ênfase

## Resumo

Neste artigo, apresentamos o processo tentativo de construção do desenho metodológico na investigação da circulação do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”. Descrevemos as proposições metodológicas da pesquisa. Relatamos o percurso metodológico constituído pela seleção dos observáveis e pela construção do *corpus*. Expomos os dois movimentos analíticos realizados: a individualização do acontecimento e a análise discursiva. Por fim, trazemos apontamentos e refletimos sobre o desenho metodológico de pesquisas acerca da circulação de sentidos em ambientes digitais na sociedade em midiáticação.

**Palavras-chave:** acontecimento, circulação de sentidos, desenho metodológico, discurso.

## Abstract

In this article we present the tentative process of constructing the methodological design in the investigation of the circulation of the event “Jair Bolsonaro’s vote”. We describe the methodological propositions of the research. We report on the methodological course constituted by the selection of observables and the construction of the corpus. We expound the two analytical movements performed: the individualization of the event and the discursive analysis. Finally, we bring notes and reflect about the methodological design of pieces of research about the circulation of meanings in digital environments in the society in mediaticization.

**Keywords:** event, meaning circulation, methodological design, discourse.

na circulação, articulada especialmente em Verón (1997, 2004, 2013). Assim, com base na última abordagem, consideramos que a midiáticação é entendida como um processo em curso. Esse processo pode ser visto como uma nova maneira de viver no mundo, que é promovida não só pelo desenvolvimento de tecnologias, mas essencialmente pela complexa interação e construção de sociabilidades (Gomes, 2017).

Logo, as novas operações discursivas no âmbito das práticas sociais modificam as interações entre produtores e receptores de sentidos na sociedade em midiáticação (Fausto Neto, 2008, 2010, 2016). Este processo possibilita

que produtores e receptores participem ativamente da narrativa dos acontecimentos, com novos condicionantes que afetam esta relação (Fausto Neto, 2008, 2010). Neste contexto, a circulação de sentidos é fomentada não só a partir de novas lógicas, como também o seu fluxo ocorre de diferentes maneiras, seja entre duas pessoas conversando pessoalmente ou discutindo em uma postagem no Facebook. Logo, pode-se confirmar a existência de um fluxo adiante, que Braga (2012, 2017) salienta acontecer de várias formas, sendo uma delas a circulação que se manifesta nas redes sociais.

Assim, considerando a circulação de sentidos em ambientes digitais na sociedade em midiatização, analisamos, a partir do relato de uma pesquisa já finalizada (Frigo, 2018), a circulação em fluxo adiante de sentidos sobre a ditadura civil-militar que foram mobilizados pelo voto do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, durante a abertura do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Ao justificar o seu voto favorável à destituição de Dilma, Jair Bolsonaro (2016, em transcrição da autora) afirmou:

*[...] perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim<sup>1</sup>.*

Nessa investigação, compreendemos o voto de Jair Bolsonaro como um acontecimento que convoca um passado e abre horizonte de possíveis (Quéré, 2005). Este acontecimento deu-se a partir da circulação de sentidos sobre o voto, que se desdobraram em uma profusão de publicações em portais de notícias, postagens e comentários em redes sociais, acionando sentidos relacionados à memória e ao processo de esquecimento em relação ao período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Para tanto, esta pesquisa parte do entendimento de que os sentidos em circulação em fluxo adiante são difusos e não percorrem um trajeto preestabelecido. Dessa forma, construímos um desenho metodológico para compreender a circulação de um acontecimento específico e analisar os discursos que a partir dele se enunciam. Para tanto, propomos dois movimentos metodológicos distintos: primeiro, apresentamos a “linha do tempo” do acontecimento, construída a partir da apropriação das cinco

categorias de França e Lopes (2016) e da perspectiva de Braga (2012, 2017) sobre circulação; já no segundo momento da análise, dedicamo-nos à interpretação dos sentidos em circulação, mobilizando elementos da análise de discurso francesa (Orlandi, 2009) para a leitura do *corpus* selecionado, que consiste em comentários em postagens no Facebook e em matérias de portais de notícias. A escolha da análise do discurso (AD) para a interpretação dos sentidos se justifica, principalmente, pelo fato de que ela institui como um de seus fundamentos o princípio da historicidade discursiva. Para a AD, os discursos constituem sua materialidade através do movimento incessante entre memória e sua atualização, o que nos auxilia a compreender a forma como o passado histórico brasileiro, e a experiência vivida da ditadura civil-militar e a memória associada a este período se atualizam na contemporaneidade através dos discursos midiatizados.

Dito isso, neste artigo, apresentamos o processo tentativo de construção de um desenho metodológico para compreender a circulação em fluxo adiante de sentidos na construção de um acontecimento na conjuntura de uma sociedade em midiatização. Longe de propor uma metodologia inovadora ou inédita para os estudos relacionados a perspectivas afins, nosso intuito é o de explicitar escolhas e socializar as experimentações metodológicas realizadas na “cozinha da empiria” (Bourdieu, 2008) de uma pesquisa, buscando inspirar e orientar tomadas de decisão de outros pesquisadores em seus próprios percursos investigativos.

## 2. Proposições metodológicas

Em um primeiro momento, faz-se necessário explicitar que entendemos o método como o caminho percorrido ao longo de toda a pesquisa. Nesse sentido, podemos dizer que defendemos um olhar metodológico contínuo, construído a partir de abordagens que dão aparatos indispensáveis para o desenvolvimento de um desenho próprio para cada investigação.

Desse modo, concordamos com Braga (2011) ao enfatizar que precisamos ir além da mera descrição de teorias e métodos. Filiado ao que ele chama de “formação metodológica”, Braga (2011, p. 2) aponta que, em nível de mestrado e doutorado, é importante “[...] fazer os estudantes refletirem sobre o enfrentamento da pesquisa, estimulando o desenvolvimento de abordagens metodológicas como práticas sobre seus próprios problemas de investigação”.

Logo, sem descartar o rigor científico imprescindível nos estudos acadêmicos, entretanto, relevando a rigidez com que a metodologia é normalmente trabalhada, sublinhamos que “[...] diferentes pesquisas solicitam diferentes aproximações, conforme suas perguntas e objetos; e

1 O voto foi proferido no dia 17 de abril de 2016, na Câmara dos Deputados do Brasil, em sessão que autorizou a abertura do processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff em seu segundo mandato como presidente do país.

mesmo táticas metodológicas comprovadas e pertinentes devem ser ajustadas a características concretas do objeto e ao desenho específico da investigação” (Braga, 2011, p. 2).

Tendo em vista a consonância evidente com Braga (2011), ratificamos, ainda, que a metodologia está circunscrita a constantes reflexões e ações concretas, tanto derivadas como construídas na tomada de decisões realizada ao longo da pesquisa.

*A exigência de reflexão metodológica sobre todos esses elementos corresponde ao que considero um conceito geral de “metodologia”. Longe de ser um receituário de passos a serem dados, trata-se do processo de encaminhamento de decisões – parte sendo conhecimento estabelecido, a que devemos recorrer com pertinência; parte, prática incorporada, a ser desenvolvida durante toda a carreira do pesquisador; e parte invenção, a ser testada por sua coerência e seus resultados, no próprio exercício da pesquisa (Braga, 2011, p. 9).*

Vale ressaltar, no entanto, que essas escolhas referidas pelo autor não são estáticas. Braga (2011, p. 10) sustenta que “[...] estar atento aos componentes básicos de uma pesquisa – que são atravessados continuamente por aqueles níveis de tomada de decisão – ajuda o pesquisador mestrandou ou doutorando a desenvolver acuidade para a revisão crítica daquilo que desenvolve”. Compreendemos, então, que há uma movimentação dialética no próprio andamento da pesquisa, ou seja, em diferentes momentos no nosso trabalho, podemos (e devemos) visitar o que já foi realizado e refletir a partir dos novos aparatos encontrados em passos mais adiante da pesquisa.

Além dos eixos de investigação constituídos em torno da problemática de pesquisa e dos tensionamentos necessários ao objeto, frisamos que as decisões sobre o desenho metodológico são justificadas também devido à expectativa do cumprimento dos objetivos da pesquisa em questão. Ainda, em nosso caso, outro ponto que deve ser levado em consideração na tomada de decisões metodológicas é a temática de pesquisa composta pela circulação de sentidos em ambientes digitais no contexto da midiatização. Sendo assim, para investigar a circulação em fluxo adiante, de acordo com Braga (2012), necessitamos construir alguns caminhos específicos, pois os sentidos em circulação não percorrem um trajeto linear.

### 3. Percurso metodológico: seleção dos observáveis e construção do corpus

De acordo com Braga (2011, p. 9), as questões metodológicas, além de outros pontos, “[...] se põem

também para a escolha dos observáveis, para a construção de coerência entre estes e os objetivos da pesquisa, o que envolve decisões tanto sobre o tipo de materiais e situações como sobre o conjunto específico e concreto a ser observado [...]”. Após a realização destas etapas, segue o autor, devemos dar atenção às ações interpretativas e à tomada de decisões sobre as mesmas; em seguida, já com um leque de resultados, temos que retornar à reflexão teórica e partir para novas escolhas e decisões. Além do mais, podemos dizer que a

*[...] observação material da situação procura as pistas, busca constituir “dados” – elementos factuais que nos ofereçam informações básicas a serem interpretadas para atender às perguntas da problematização. “Perguntar ao objeto”, decidir como organizar e sistematizar a observação corresponde a decidir que fatos, pistas, indicadores, dados, queremos fazer sobressair, com a expectativa de que estes respondam às perguntas da pesquisa (Braga, 2011, p. 22).*

Sendo assim, após uma pesquisa exploratória na mídia impressa e na mídia on-line sobre o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, realizada no primeiro semestre de 2017, percebemos algumas inferências que fizeram parte das decisões tomadas na pesquisa<sup>2</sup>. No que tange à mídia impressa, descartamos esse material devido ao fato de que os fluxos de circulação de sentidos ocorrem predominantemente na mídia digital. Na sequência, realizamos uma busca em ambientes de informação e de conteúdo no Google, principal empresa de serviços on-line no mundo; no Facebook, principal site de rede social no Brasil e no mundo; e no Twitter, que, embora não esteja entre as primeiras redes sociais acessadas no Brasil, fornece constantemente informações sobre os últimos acontecimentos no mundo, apresentando movimentos de circulação importantes e relevantes para os interesses da pesquisa<sup>3</sup>.

2 Essa pesquisa exploratória realizada inicialmente permitiu-nos ter um olhar abrangente para o interesse de estudo selecionado. Ao longo de toda a pesquisa, realizamos movimentos de idas e vindas do empírico para o teórico e vice-versa na busca de pistas, inferências e indícios para a construção da dissertação. Ainda, partimos do pressuposto de que com essa forma de pesquisar estamos mais condicionados a comprovar uma hipótese do que ressaltar descobertas, pois já observamos o que iremos estudar e não partiremos do teórico para depois buscar a resposta no empírico.

3 Salientamos que as buscas na ambiência digital realizadas durante a pesquisa para a dissertação de mestrado foram realizadas, em sua grande maioria, na “janela anônima” do navegador Google Chrome no computador pessoal da autora, sendo que, eventualmente, foram usados computadores da UFSM. A escolha desse modo de navegação permite que tenhamos a menor interferência possível na pesquisa no que diz respeito aos algoritmos. Cabe confirmar, ainda, que as coletas de materiais on-line foram realizadas por meio da “Ferramenta de Captura” do próprio computador.

A partir dessa primeira busca na ambiência digital, outras inferências vieram à tona: percebemos como espaços de visibilização do *impeachment* especialmente a mídia tradicional e as redes sociais. Embora a pesquisa não se restrinja a eles, há fluxos de circulação interessantes e importantes nesses espaços. Salientamos, ainda, que o eixo temporal pesquisado se deu a partir do voto de Jair Bolsonaro na sessão da Câmara dos Deputados que abriu o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, em abril de 2016. Já o fechamento deu-se em dezembro de 2016, pois, em novembro, Bolsonaro foi absolvido no Comitê de Ética da Câmara por homenagear Ustra e lançou a sua pré-candidatura antecipada à Presidência do Brasil. Cabe considerar, aqui, a compreensão de que os fluxos de circulação são sempre adiante, pois, quando um fluxo se fecha, abre-se outro episódio comunicacional, e assim sucessivamente; logo, para a concretização da pesquisa, delimitamos o início e o fechamento do que concebemos como acontecimento, no caso, o “voto de Jair Bolsonaro”.

Dessa maneira, podemos dizer que, a partir dos caminhos percorridos, da constante reflexão sobre o trabalho e das idas e vindas em tomada de decisões, construímos a linha do tempo do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”. Além disso, apresentamos, posteriormente, as análises e interpretações sobre a atualização da memória da ditadura civil-militar por intermédio da mobilização de sentidos presentes na circulação deste acontecimento.

#### 4. Primeiro movimento: individualização do acontecimento

A individualização de um acontecimento não acontece de forma imediata; pelo contrário, faz parte de um processo que torna aquele acontecimento singular atribuindo-lhe sentido. O percurso da individualização pode ser constituído através de fases ou etapas, as quais França e Lopes (2016) consideram como categorias analíticas, que foram sintetizadas e combinadas pelas autoras a partir de aspectos inspirados em proposições de Louis Quéré (1995, 2011). Essas categorias podem ser identificadas resumidamente como:

- a) *A descrição apresenta as características mais evidentes do acontecimento, arrola os fatos, mas sobretudo identifica a maneira como ele foi categorizado, isto é, o enquadramento ou enquadramentos [...]*
- b) *A narrativização é a articulação de seus vários momentos, a identificação dos agentes (actantes), a estruturação temporal.*
- c) *A identificação do pano de fundo pragmático corresponde ao plano da experiência, e nos leva à análise da*

*recepção do acontecimento: como ele foi recebido, que ações e reações provocou.*

d) *A caracterização de problema público nem sempre é alcançado por um acontecimento; trata-se do reconhecimento oficial de que aquele acontecimento específico se inscreve numa categoria mais ampla que atinge / prejudica a sociedade como um todo, e deve ser alvo de um tratamento e um combate especiais.*

e) *A normalização, por fim, é a observação daquele momento em que a curva de interesse e mobilização em torno do acontecimento desce, o estranhamento que ele provocou é reduzido ou esquecido, e a normalidade readquire seu ritmo. É o momento em que o acontecimento é absorvido pela vida de todos os dias (França e Lopes, 2016, p. 14-15).*

Ainda, de acordo com a proposta de França e Lopes (2016), a individualização do acontecimento se refere à singularização do processo, isto é, o que o distingue de outros semelhantes. Individualizar um acontecimento é separar, buscar uma diferença que o torna individual. Individualizar o “voto de Jair Bolsonaro”, analisar como ele se tornou tal acontecimento no meio de tantos outros é uma forma de melhor interpretar seus significados, mas é também altamente elucidativo das amarras sociais que ele expõe sobre o contexto e a atualidade.

Sendo assim, a cobertura do *impeachment* de Dilma Rousseff suscitou diversas leituras, bem como o próprio voto de Jair Messias Bolsonaro na Câmara dos Deputados, realizado na sessão de abertura do processo. A partir do viés analítico da individualização do acontecimento no que concerne ao voto do deputado, tínhamos como intuito compreender alguns aspectos desse acontecimento que eram pertinentes à pesquisa.

#### A linha do tempo do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”

Neste eixo analítico, reconstituímos cronologicamente o acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” a partir do processo de circulação. Após esse trajeto, construído a partir das cinco categorias analíticas (descrição, narrativização, identificação do pano de fundo pragmático, caracterização do problema público e normalização), apresentadas separadamente, para melhor compreensão de como o “voto de Jair Bolsonaro” tornou-se tal acontecimento bem como circulou na ambiência digital, mostramos, também visualmente, a linha do tempo do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”.

A partir dessas categorias de análise, observamos a dinâmica de produção do “voto de Jair Bolsonaro”, ou seja, como esse acontecimento se configurou, além de como circulou na ambiência digital. Assim, nesse eixo analítico,

a tentativa foi de reconstituição cronológica do acontecimento baseada em vestígios deixados na rede para, então, obtermos a linha do tempo do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”.

Conforme a pesquisa exploratória realizada primeiramente, consideramos conveniente direcionar nosso olhar para dois espaços de visibilização quando adentramos no campo do *impeachment*: na mídia tradicional, os portais e sites de notícias focaram no placar da votação na Câmara e como os próximos passos ocorreriam no Senado, enquanto nas redes sociais era evidente o descontentamento com as falas dos parlamentares, e a de Jair Bolsonaro já era uma delas. Sendo assim, nesse primeiro momento, a descrição do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” pelos portais e sites de notícias foi de silenciamento e de naturalização, até a OAB entrar com um pedido de cassação e de prisão contra o deputado. Notamos, então, uma disputa de sentidos sobre a descrição do acontecimento. Essa etapa da circulação ocorreu essencialmente nos dias 17 e 18 de abril de 2016.

Posteriormente, na narrativização do acontecimento, três atores foram acionados agregando sentidos na circulação: OAB, Ustra e Bolsonaro. Também observamos a movimentação de temporalidades, com um resgate da memória da ditadura a partir de Ustra e das possibilidades de futuro com a entrada da OAB na narração. Jair Bolsonaro, por sua vez, com uma recepção contrária à sua fala nas redes sociais, não admite que Ustra tenha sido um torturador, mesmo assim mantém sua homenagem ao “pavor de Dilma Rousseff”. Dessa maneira, o momento da narrativização do acontecimento ocorreu de forma mais evidente nos dias 18 e 19 de abril de 2016.

Já a identificação do pano de fundo pragmático pode ser visualizada desde a irrupção do acontecimento do dia 17 de abril de 2016, perpassando os dias que se seguem na semana da votação do *impeachment* na Câmara. Nessa etapa da construção da linha do tempo, há uma circulação de sentidos em fluxo adiante nas redes sociais, diversas reações contrárias a Bolsonaro e de revolta pela homenagem feita a um torturador reconhecido foram encontradas.

Dito isso, observamos que o acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” revela um passado ainda não resolvido sobre a ditadura civil-militar brasileira, caracterizando um problema público diretamente relacionado ao discurso que atualiza sentidos sobre esse período, o que está evidenciado especialmente na postagem do dia 20 de abril de 2016. Não por menos, o parlamentar saiu ileso das acusações – que para ele faziam parte de uma “conspiração comunista” – da OAB e ainda foi referenciado como pré-candidato nas eleições presidenciais de 2018 antecipadamente. Esse último momento, a normalização, repercute a partir do dia 9 de novembro de 2016. Lembramos, ainda, que o acontecimento jornalístico é que termina, enquanto

o macroacontecimento (ditadura civil-militar) permanece e segue circulando em fluxo adiante.

## 5. Segundo movimento: análise discursiva

Para investigarmos os sentidos que circularam a partir do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” – que pode ser observado por meio do interdiscurso e do intradiscurso neste acontecimento – inspiramo-nos em princípios da Análise de Discurso, de forma espontânea e sem pretensão de uma filiação rígida a essa metodologia. Ainda, a partir disso, foi possível termos uma leitura de como a memória da ditadura civil-militar é atualizada mobilizando sentidos na circulação.

Frisamos que na AD não se objetiva a exaustividade em relação ao objeto, já que ele é inesgotável. De acordo com Orlandi (2009, p. 62), não existe “[...] discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes”.

Ainda segundo a autora, a AD considera os processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, construção da realidade e também entende os sujeitos do enunciado como agentes ideológicos. Sendo assim, podemos dizer que o campo de estudo da AD extrapola os limites da língua e da sintaxe, já que no discurso há elementos do contexto histórico e da ideologia do sujeito; por isso, foi pertinente utilizarmos tal ferramenta analítica nessa pesquisa.

Além do mais, cabe sinalizar que para Foucault (1999, p. 8) o discurso exerce e é dotado de poder; por isso, é perigoso o “[...] fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem [...]” de forma indefinida. Logo, podemos dizer que “[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 1999, p. 8-9).

Assim, o discurso pode ser entendido como um objeto em disputa e de desejo dos sujeitos sociais, ou, nas palavras de Foucault (1999, p. 10), que salienta o quanto o curso da história nos ensina, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Ainda, dialogando com o autor, podemos inferir que o discurso é um conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva.

Por sua vez, Orlandi (2009, p. 43-44) também faz considerações acerca das formações discursivas, as quais “[...] podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo

já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra”. Tendo em vista essa memória discursiva que sustenta o que é dito a partir de formulações já feitas, no entanto, esquecidas, podemos afirmar com Orlandi (2009, p. 54) que os sentidos “[...] não retornam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem”.

Essas reflexões da autora, assim como as de Foucault (1999), foram relevantes ao nosso estudo e contribuíram para a compreensão da memória da ditadura civil-militar que se atualizou na circulação discursiva em torno do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”. Para tanto, selecionamos observáveis a partir da linha do tempo do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”. Aqui, a linha do tempo nos deu subsídios para a elaboração do *corpus* para, então, seguirmos com nossa análise a partir das formações discursivas. Vale lembrar que, para Orlandi (2009), a análise inicia na seleção do *corpus* e que a sua organização será feita a partir da base material bem como do ponto de vista do analista apoiado em um quadro teórico de referência.

### 5.1. Circulação nas redes

Com o intuito de investigarmos como os sentidos postos em circulação a partir do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” atualizam a memória da ditadura civil-militar, selecionamos uma postagem, a qual foi analisada. Justificamos a escolha por considerarmos o discurso nela contido bastante emblemático ao ser relacionado com a memória discursiva sobre a ditadura civil-militar brasileira. Ainda, vale dizer que a postagem foi o primeiro material dos selecionados a partir da linha do tempo do acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro”.

Assim sendo, no dia 20 de abril de 2016, três dias depois do voto de Jair Bolsonaro, com as notícias circulando sobre pedidos de cassação e de prisão do deputado por ter feito apologia da ditadura, com diversos setores corroborando que na verdade o *impeachment* seria um golpe, além da intensa circulação de sentidos em fluxo adiante, é postada em sua página oficial no Facebook uma imagem da bandeira do Brasil sendo “rasgada” pelo símbolo do comunismo; já a frase faz uma comparação irônica do “golpe militar” de 1964 com o “golpe” de 2016 representado pelos setores defensores do *impeachment*. Além do mais, a postagem é “assinada” pela “Família Bolsonaro”, que é quem diz a “verdade”.

Cabe dizer que a postagem também traz imaginários que foram acionados durante a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil em 2018. Um destes imaginários é a contrariedade ao comunismo, que não só circulou entre seu eleitorado no pleito de 2018, como foi um dos elementos do voto de Jair Bolsonaro no *impeachment* de Dilma. Sinalizamos também o fato de Bolsonaro

deixar explícito que continuaria defendendo o que ele considerava adequado para o país, além de serem visíveis o patriotismo e o nacionalismo presentes na imagem.

Outro elemento percebido, já que a postagem é assinada pela “Família Bolsonaro”, diz respeito aos sentidos em circulação no que tange à família e aos considerados “valores familiares”, sendo que uma das pautas da campanha de Bolsonaro consistia na defesa do que ele chama de “família tradicional brasileira” e da “moral e dos bons costumes”. Por fim, quando Bolsonaro afirma que “o Brasil precisa que a verdade seja dita”, podemos interpretar que a verdade vem dele; não por menos, durante o pleito eleitoral de 2018, houve intensa circulação de notícias falsas ou informações descontextualizadas especialmente nas redes sociais, e, mesmo que elas fossem contestadas com dados e pesquisas científicas, estas eram desacreditadas pelo eleitorado de Bolsonaro, o qual preferia basear-se unicamente na palavra do candidato, desacreditando qualquer informação que questionasse as suas argumentações durante a campanha.

Assim sendo, a postagem obteve cerca de 68 mil curtidas, mais de 14 mil compartilhamentos e aproximadamente 2.500 comentários diretos, além das respostas a esses comentários. Vale ressaltar que para a análise foram coletados todos os comentários, incluindo as respostas, quando existentes, o que acarretou um volume de mais de 3 mil comentários e respostas. Uma observação prévia foi feita em todos eles, e, em um primeiro momento, ponderamos analisar os comentários curtidos ou ainda os mais curtidos. Entretanto, tendo Braga (2012, p. 40) como norteador no processo de circulação, que o entende como “fluxo contínuo” e “sempre adiante”, optamos pelos comentários que obtiveram alguma resposta, chegando ao número de 116 comentários para essa análise.

No geral, os comentários são contra o “comunismo” (representados na figura de Dilma/Lula/PT) e reafirmam a necessidade de “tirar os comunistas do poder” (Dilma Rousseff), a exemplo do ocorrido no ano de 1964 (João Goulart), fazendo uma relação direta da memória com o discurso, isto é, a memória discursiva. São comentários favoráveis a métodos autoritários e repressivos, como a própria tortura contra alguns setores da sociedade. São alicerçados no que consideram liberdade de expressão, proliferando discursos dirigidos àqueles que, segundo os “cidadãos de bem”, não merecem sequer viver. Além disso, os comentários enaltecem os militares e rememoraram o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra pela restauração da ordem necessária, que seria a própria ditadura civil-militar, restringindo a diversidade biológica e a liberdade dos corpos aos padrões disciplinares e controladores.

Um ponto a ser considerado é que inúmeras vezes esses elementos aparecem de forma conjunta nos comentários, ou seja, um complementa ou reforça o outro. Por exemplo, há momentos em que o coronel Ustra e os

militares são afirmados como heróis por terem “lutado contra os comunistas”, mesmo que para derrotá-los fossem necessárias repressão e tortura – aqui já há evidências da atualização da memória da ditadura, pois os mesmos comunistas de outrora são os que hoje podem e devem ser reprimidos.

Dessa forma, a fim de proceder a uma organização metodológica sobre a ativação da memória da ditadura civil-militar entre os seguidores de Jair Bolsonaro na rede social Facebook, os comentários foram separados a partir de três formações discursivas: a) em memória do coronel Ustra; b) tortura e morte como algo necessário; c) contra os comunistas.

## 5.2. Circulação nos portais

Observamos os comentários realizados em oito notícias on-line de quatro portais: G1 (Conselho, 2016; Silveira, 2016), Folha de S. Paulo (Bragon, 2016; Falcão, 2016), UOL (Maia, 2016; Câmara, 2016) e O Globo (Iglesias, 2016; Krackovicz, 2016). A escolha desses sites de notícias em detrimento de outros que foram analisados na linha do tempo do “voto de Jair Bolsonaro” ocorreu pelo fato de eles ainda permitirem publicação e acesso aos comentários.

No geral, é explícita nos comentários a não aceitação da diversidade cultural, pluralidade de ideias e divergência política por um setor que se considerava superior; portanto, as outras pessoas são tidas como inferiores. Vista como inimiga, essa “raça inferior” está composta pelos comunistas de 1960 e pelos petistas dos anos 2000, além de todos aqueles que não estão dentro do padrão considerado “normal” para a “raça superior”. Além disso, os comentários tendem a desqualificar as pessoas que não são consideradas “cidadãos de bem” ou que resistem ao padrão imposto.

Ao todo, somaram-se 1.073 comentários, nos quais realizamos uma observação prévia com o intuito de compreender as regularidades presentes e que se destacaram como formações discursivas. Um ponto a ser considerado é que, assim como na análise discursiva realizada anteriormente nos comentários da postagem no Facebook de Jair Bolsonaro, muitas vezes, esses conjuntos de enunciados também aparecem de forma conjugada nos comentários dos portais; isto é, um complementa ou reforça o outro. Dito isso, as formações discursivas são: a) desqualificação do outro; b) imposição de um padrão; c) eles são os inimigos<sup>4</sup>.

4 O detalhamento da análise pode ser encontrado em Frigo (2018).

## 6. Considerações finais

Em nossas pesquisas, defendemos um olhar metodológico contínuo, construído a partir de abordagens metodológicas que darão aparatos indispensáveis para o desenvolvimento de um desenho metodológico próprio à investigação. Isso quer dizer que não estamos filiados a esta ou aquela metodologia e que investimos em abordagens metodológicas que correspondam ao problema a ser pesquisado. Nesse sentido, devemos ir além da descrição de teorias e métodos, ainda mais quando entendemos por método o caminho percorrido ao longo de toda a pesquisa.

Salientamos que cada pesquisa possui um universo peculiar, e, portanto, os enfrentamentos são diferentes para cada uma delas; não há como transpor um desenho metodológico específico de uma investigação para outra, pois as aproximações e tomadas de decisões dependem do problema e do objetivo – e esses são distintos em cada pesquisa. Assim, além dos eixos de investigação constituídos em torno da problemática de pesquisa e dos tensionamentos necessários ao objeto, frisamos que as decisões sobre o desenho metodológico são justificadas também devido à expectativa do cumprimento dos objetivos da pesquisa em questão.

Ainda, em nosso caso, outro ponto foi levado em consideração na tomada de decisões metodológicas, que é o fato de trabalharmos com a circulação de sentidos na sociedade em midiatização. Além disso, direcionamos nossa pesquisa para a ambiência digital (mutável e com muitos dados), o que torna ainda mais complexo o desenho metodológico, já que muitas vezes uma única técnica ou abordagem metodológica (mesmo que bastante utilizada e comprovadamente eficiente) não é suficiente.

Logo, após tentativas e reflexões consideradas essenciais à pesquisa, selecionamos dois movimentos analíticos, sendo o primeiro deles a individualização do acontecimento e o segundo, a análise discursiva. A individualização do acontecimento nos auxiliou na identificação de como o acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” foi construído, bem como no mapeamento da circulação desse acontecimento, tomando como objeto publicações em portais de notícias, bem como postagens e comentários de redes sociais digitais. Já a Análise de Discurso nos serviu para a compreensão dos sentidos postos em circulação.

Em um primeiro momento, situamos o voto de Jair Bolsonaro no contexto da sociedade em midiatização, em que produtores e receptores estão no mesmo patamar na escala comunicacional, podendo participar ativamente da narração dos acontecimentos – ação realizada anteriormente apenas pela produção. Na busca por pistas sobre como esse processo histórico tornou-se o que se tornou, vimos na circulação de sentidos sobre o voto de Jair Bolsonaro a potencialidade para descobertas futuras. Percorremos, então, não apenas a busca pelo centro, o ponto de

chegada ou o ponto de partida, mas também as margens, as curvas e as indeterminações nos caminhos da circulação desse acontecimento na sociedade em midiaticização.

Ao investigar um acontecimento como o “voto de Jair Bolsonaro”, também é possível compreender a sociedade brasileira em seu momento histórico, especialmente como a circulação de discursos que atualizam a memória sobre a ditadura civil-militar promove valores conservadores, que culminaram com a ascensão de um candidato de extrema-direita, Jair Bolsonaro, à Presidência da República de nosso país. Além disso, direcionando o olhar às interações sociais na internet, há elementos que se sobressaem e falam sobre as transformações comunicacionais, sobre as novas maneiras de ser no mundo e até mesmo sobre como a sociedade se comunica.

Para chegarmos a esses apontamentos, desde o princípio buscamos tensionar as teorias, deixar nosso objeto falar, e adaptamos técnicas e abordagens metodológicas pertinentes aos interesses da pesquisa, sem negligenciar o rigor científico. Nesse contexto de idas e vindas em tomadas de decisões, fomos esquematizando o desenho metodológico considerado mais adequado para a totalidade dessa pesquisa que investiga um objeto em circulação. Fica como proposta a possibilidade de aplicação e adaptação do desenho metodológico apresentado em futuras pesquisas que envolvam a tríade acontecimento, circulação e atualização da memória discursiva, com diferentes problemáticas e objetos empíricos.

## Referências

- BOLSONARO, J. M. 2016. Sessão deliberativa. Câmara dos Deputados do Brasil. Brasília, 17 abr. Transcrição da autora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU&t=14417s>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- BOURDIEU, P. 2008. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk.
- BRAGA, J. L. 2011. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *Revista E-Compós*, Brasília, **14**(1):1-33.
- BRAGA, J. L. 2017. Circuitos de comunicação. In: J. L. BRAGA; R. CALAZANS (org.), *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade*. vol. 2. Campina Grande, EDUEPB, p. 43-63.
- BRAGA, J. L. 2012. Circuitos versus campos sociais. In: M. Â. MATOS; J. JANOTTI JR.; N. JACKS (org.), *Mediação e midiaticização*. Salvador, EDUFBA, p. 31-52.
- BRAGON, R. 2016. Conselho de Ética livra Bolsonaro de processo por homenagem a Ustra. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1830828-conselho-de-etica-livra-bolsonaro-de-processo-por-homenagem-a-ustra.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- CÂMARA diz sim ao impeachment de Dilma; pedido vai agora ao Senado (2016). *Uol*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/17/camara-diz-sim-ao-impeachment-de-dilma-pedido-vai-agora-ao-senado.htm>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- CONSELHO de Ética arquiva processo de Bolsonaro por homenagem a Ustra (2016). *G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/conselho-de-etica-arquiva-processo-de-bolsonaro-por-homenagem-ustra.html>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- FALCÃO, M. 2016. Bolsonaro fez apologia de crime na votação do impeachment, diz OAB. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1763027-bolsonaro-fez-apologia-ao-crime-na-votacao-do-impeachment-diz-oab.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. *Matrizes*, São Paulo, ECA/USP, **1**(2):89-105.
- FAUSTO NETO, A. 2016. Impeachment segundo as lógicas de “fabricação” do acontecimento. *Rizoma*, Santa Cruz, **4**(2):8-36.
- FAUSTO NETO, A. 2010. A circulação além das bordas. In: A. FAUSTO NETO; S. VALDETTARO (org.), *Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosario, Argentina, Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario. Disponível em: <http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- FOUCAULT, M. 1999. *A ordem do discurso*. 5ª ed. São Paulo, Edições Loyola.
- FRANÇA, V. R. V.; LOPES, S. C. 2016. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXV. *Anais...* Goiânia/GO, 2016.
- FRIGO, Diosana. 2018. *Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” no impeachment de Dilma Rousseff*. Santa Maria, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 140 p.
- GOMES, P. G. 2017. *Dos meios às mediações: um conceito em evolução*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- HEPP, A. 2014. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”. *MATRIZES*, São Paulo, **8**(1):45-64.
- HJARVARD, S. 2012. Midiaticização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, São Paulo, **5**(2):53-91.
- KRACKOVICZ, F. 2016. Pré-candidato, Bolsonaro percorre o país bancado pela Câmara. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pre-candidato-bolsonaro-percorre-pais-bancado-pela-camara-21719277>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- IGLESIAS, S. et alii. 2016. Câmara aprova processo de impeachment de Dilma, que segue para o Senado. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/camara-aprova-processo-de-impeachment-de-dilma-que-segue-para-senado-19109151>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- MAIA, G. 2016. OAB-RJ vai ao STF pedir cassação de Bolsonaro por “apologia à tortura”. *Uol*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/19/oab-rj-diz-que-vai-ao-stf-pedir-cassacao-de-bolsonaro-por-homenagear-ustra.htm>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- ORLANDI, E. P. 2009. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8ª ed. Campinas, Pontes.
- QUÉRÉ, L. 2005. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, **6**:59-75.
- QUÉRÉ, Louis. 1995. L'espace public comme forme et comme événement. In: Isaac JOSEPH (org.), *Prendre place: Espace publique et culture dramatique*. Colloque de Cerizy. Paris, Ed. Recherches, p. 93-110.

- QUÉRÉ, Louis. 2011. A individualização do acontecimento no quadro da experiência pública. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, Lisboa, **10**(11):13-37.
- SILVEIRA, D. 2016. OAB-RJ vai ao STF pedir a cassação do mandato de Jair Bolsonaro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/oab-rj-vai-ao-stf-pedir-cassacao-do-mandato-de-jair-bolsonaro.html>>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- VERÓN, E. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. *Revista Diálogos de Comunicación*, Lima, Felafacs, 48:9-17.
- VERÓN, E. 2004. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Editora Unisinos.
- VERÓN, E. 2013. *La Semiosis Social 2: Ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires, Paidós.

Artigo submetido em 16-10-2019

Aceito em 02-06-2020